

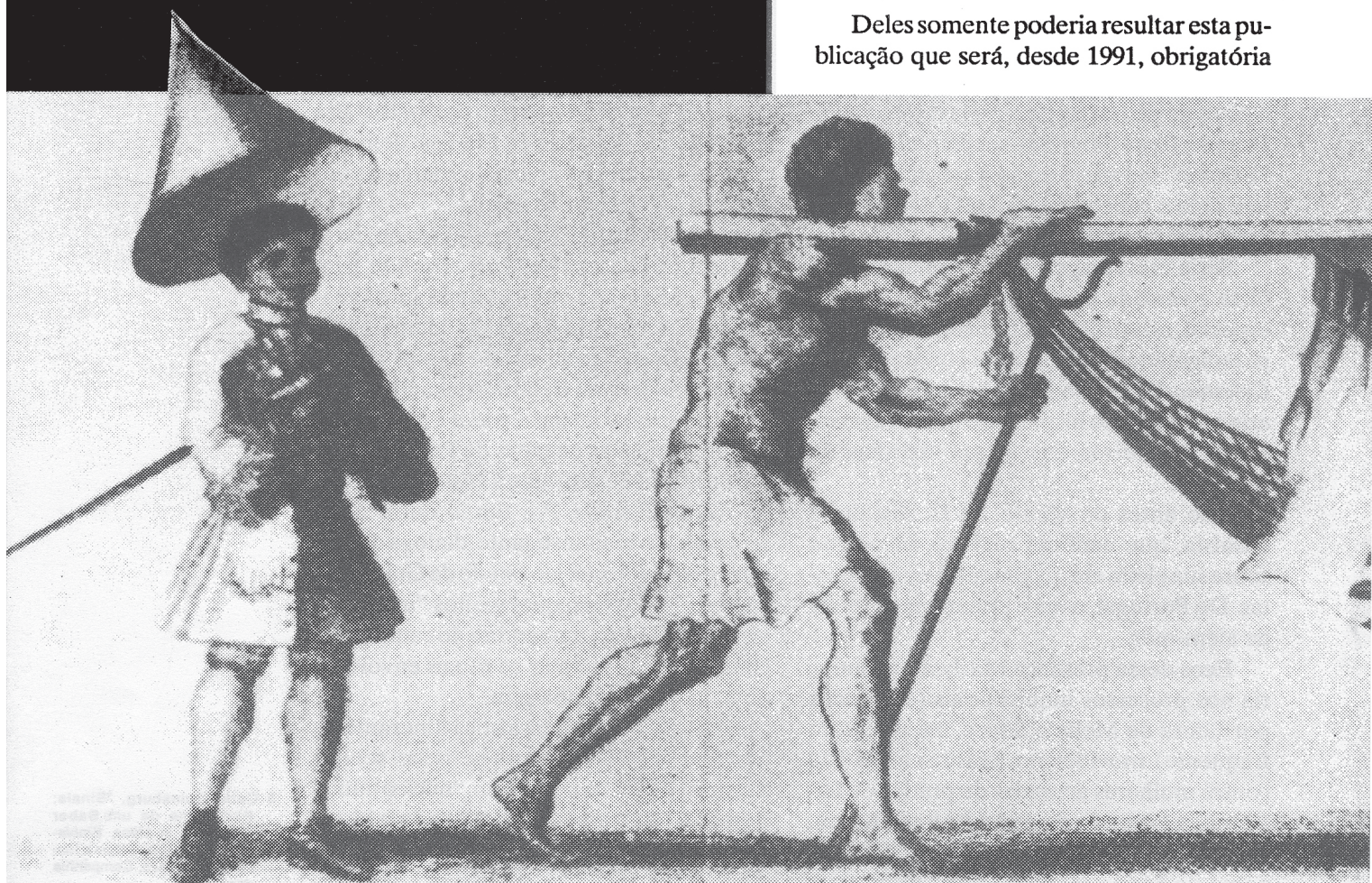
JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

Mais um clássico de Sérgio Buarque de Holanda

Este *Capítulos de Literatura Colonial* resulta do trabalho cuidadoso de dois grandes intelectuais que o Brasil produziu. Num determinado momento, que pode ser localizado entre os anos 40 e 60, Sérgio Buarque de Holanda buscou nos arquivos, nas fontes primárias, os documentos que lhe permitissem analisar a produção literária do mundo colonial no Brasil. Num segundo momento, Antonio Candido organizou toda a produção de Sérgio que compõe este livro

“levando em conta o grau de acabamento dos originais (...) que seria conveniente publicar como corpo central as partes de redação madura (maioria absoluta), mesmo que a segunda esteja inacabada, pondo em apêndice o escrito panorâmico e os fragmentos sobre Vieira. Quanto ao título, propus *Capítulos de Literatura Colonial*, pensando no famoso livro de Capistrano de Abreu, mas sobretudo noutro, menos sistemático, de Afonso Reyes: *Capítulos de Literatura Española...*” (p. 8).

Deles somente poderia resultar esta publicação que será, desde 1991, obrigatória



para se entender a literatura brasileira tanto do ponto de vista histórico quanto do conhecimento literário.

Composto por duas partes, a primeira preocupada com a poesia épica e a segunda cuidando do arcadismo, se completa com um apêndice, onde estão estudos de Sérgio sobre Antonio Vieira e um panorama de literatura colonial.

É mais uma obra erudita do incomparável historiador Sérgio Buarque de Holanda.

Em cada capítulo uma lição do grande mestre. Ao analisar o ideal heróico nos traz esta preciosidade, quando está narrando a trajetória dos poetas. Vamos com ele:

“... Neste caso, como em outros semelhantes, nem o poeta precisaria de escrúpulos para torcer a verdade em favor de sua personagem, nem esta, se o lesse, em aceitar a falsificação lisonjeira, pois esses recursos, que hoje nos parecem insólitos, mesmo numa composição poética, seriam lícitos e louváveis no século XVI. É significativo que, redigindo ou refazendo seus discursos sobre a poesia heróica, no mesmo ano em que Teixeira andava em Olinda às voltas com os

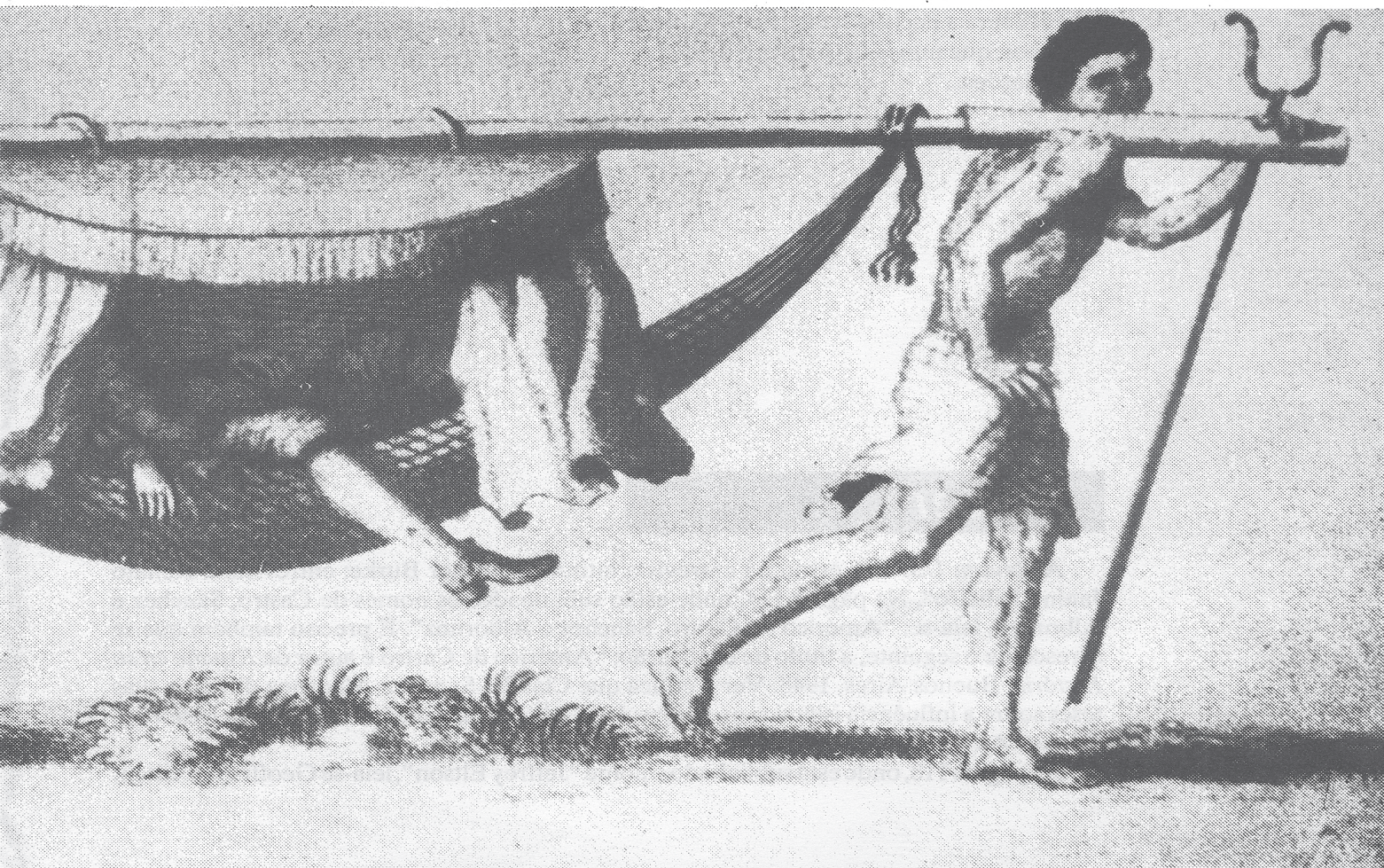
inquisidores, o Tasso pudesse sustentar sem escândalo que o poeta há de perguntar-se, antes de tudo, se o sucesso histórico a ser narrado não seria mais maravilhoso, verossímil ou deleitável se tivesse ocorrido diversamente: em qualquer desses casos sem nenhum respeito à história, que mude e remude o seu arbítrio, ordene e reordene e reduza os acidentes das coisas segundo a forma que julgar melhor, misturando o verdadeiro ao fingido, irreal de tal modo que a verdade seja o fundamento da fábula...”

Trechos como este permeiam a obra fazendo com que o leitor pense e repense naquilo que se pode fazer com uma análise profunda da História... e, através desta, contribuindo para o conhecimento da literatura colonial. Dos estudos da obra de Bento Teixeira à compreensão de Antonio Vieira caminha-se com Sérgio Buarque de Holanda por todo o universo das letras, desde o início dos tempos do Brasil até a passagem para o período independente. Nesse percurso dedica a Claudio Manuel da Costa um estudo primoroso, talvez o melhor feito sobre esta figura notável que foi o inconfidente poeta.

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER é professor da FFLCH-USP e diretor do Instituto de Estudos Brasileiros-USP.

Capítulos de Literatura Colonial, de Sérgio Buarque de Holanda (organização e introdução de Antonio Candido), São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.

REDE DE TRANSPORTE EM USO NO BRASIL COLONIAL



É praticamente um livro dentro do livro, uma tese inacabada como salienta Antonio Candido ao finalizar o estudo. Com ele encerra-se a obra, que se completa com o apêndice contendo dois estudos especiais: o primeiro, cujo título foi dado por Antonio Candido - “Panorama da Literatura Colonial” -, “termina no meio de uma frase”; o segundo é sobre Antonio Vieira. É também um trabalho inacabado, mas uma preciosa contribuição à biografia do padre jesuíta.

É um livro indispensável, é mais um clássico de Sérgio Buarque de Holanda, que, além de ser o historiador e o crítico que foi, teve a felicidade de ter como prefaciador de suas obras outro notável intelectual, Antonio Candido. E quem tem Antonio Candido como apresentador e organizador de sua obra, não necessita de outros para dar sobre ela opiniões complementares.

É por isso que tomo alguns trechos do prefácio de Antonio Candido para completar este meu trabalho. Sobre o texto em si diz o prefaciador:

“... Apesar da alta qualidade da escrita, que tem quase sempre o aspecto de definitiva, estes originais agora publicados devem ser lidos como algo que ainda não recebera a decisão final do seu rigoroso autor, que nunca fazia menos de quatro redações...”

E mais à frente, salienta:

“... Mais delicado é o caso de certos trechos curtos que estão barrados, seja por leves traços a lápis de cima para baixo, seja por um rabisco sinuoso. Queria Sérgio suprimi-los? Estaria indicando que os utilizaria ou ia utilizar noutro escrito? Pretendia modificá-los? Seja como for, eles se encaixam todos perfeitamente no nexo do discurso; por isso decidi mantê-los, assinalando cada ocorrência”.

Estas ponderações de Antonio Candido poderiam terminar estes meus comentários, mas ainda o consideraria incompleto se não acrescentasse mais um parágrafo da introdução, com que encerro:

“Este material é de grande interesse e talvez não seja exagerado dizer que muitas das análises e observações nele contidas são as mais sólidas e brilhantes, as mais eruditas e imaginosas jamais feitas no Brasil sobre o assunto. Ainda depois de morto, Sérgio Buarque de Holanda mostra a vastidão do seu saber, a precisão do seu juízo e a originalidade dos seus pontos de vista, comprovando que havia nele um grande crítico ao lado do grande historiador, um dos maiores do século” (p. 8).

É preciso dizer mais?

Errata 21

A *Revista USP* 21 errou na entrevista intitulada “Peter Burke: entrevista a Renato Janine Ribeiro”. Na página 114, onde estão sublinhados os nomes de Castro, Sánchez e Alborno, leia-se: “Américo de Castro, Sánchez e Alborno”. É preciso também que se acrescente o seguinte, a título de explicação: “Américo de Castro é autor de *España en su História*, Buenos Aires, 1948. Ver a crítica que Claudio Sánchez-Alborno dirigiu a suas teses sobre a influência islâmica na península in Alborno, *España, um Enigma Histórico*, Buenos Aires, 1956”.

Na página 118, onde está sublinhado o nome “Jeffrey Elton”, leia-se Geoffrey R. Elton.